



O CASO VEJA NA SALA DE AULA: um Modelo Analítico para o Uso da Mídia na Interface Comunicação x Educação ¹

Regiane Regina Ribeiro
Universidade Federal do Paraná - UFPR²

RESUMO

Esse artigo discute como uma produção midiática pode influenciar uma experiência de aprendizagem. Analisou-se a ação comunicativa como estratégia fundamental de desenvolvimento de habilidades e competências no processo educacional e verificou-se que a comunicação em sala de aula apresentava algumas características muito prejudiciais ou mesmo retardadoras para o ensino: simplificação excessiva da comunicação, ausência de elementos culturais, modelo linear e caráter mecanicista. A partir desses conceitos foi desenvolvido um modelo analítico aplicado através da análise de conteúdo ao suplemento Guia do Professor, uma mídia impressa que faz parte do Programa Veja na Sala de Aula. Os resultados obtidos não demonstram apenas importantes descobertas na interface estudada, mas contribui com uma nova matriz de análise para olhar e refletir sobre os diversos usos da(s) mídia(s) na escola.

Palavras-chave: ação comunicativa, comunicação dialógica, escola. mídia e cultura.

1. O Contexto da Pesquisa

O presente artigo apresenta um relato da criação e do uso de uma matriz analítica aplicada a um objeto de estudo na interface da comunicação/educação. Sua utilização buscou uma reflexão a respeito de como uma produção midiática pode influenciar uma experiência de aprendizagem.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora e pesquisadora permanente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná - UFPR, docente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. E-mail: regianeribeiro5@gmail.com



Entende-se que a experiência da comunicação humana e, conseqüentemente, a educação são mediadas pelas mídias: instâncias produtoras e receptoras, que rodeiam e comprometem as interlocuções e circulam nos cenários amplos e restritos da contemporaneidade. Tais processos midiáticos expressam com “autoridade” a atualização cotidiana, vivências políticas, econômicas, históricas, sociológicas e psicológicas uma vez que ocupam um lugar na base (auto-atribuída) das complexas interlocuções entre sujeitos.

Por implicar no estudo inter-relacional entre comunicação, educação e mídia, a pesquisa configurou a necessidade de um entendimento entre esses elementos. Os padrões de vida dos jovens mudaram, enquanto aparentemente os da escola, não. São dois mundos separados. Os meios de comunicação tradicionais e digitais estão totalmente presentes na vida dos jovens, enquanto a escola ainda se mantém, muitas vezes, fiel a modelos pedagógicos e padrões sociais superados. Por isso, os jovens muitas vezes não têm interesse na escola. Por isso, a escola não é mais capaz de responder às necessidades da juventude e encontra dificuldades em formar para o mercado de trabalho e preparar para a vida.

Nesse modelo tradicionalista de escola, só há espaço para a reprodução automática de conteúdos, existe pouca ou nenhuma integração entre professor, aluno e disciplinas. Assim, o uso dos meios de comunicação na educação surge como uma alternativa capaz de oferecer aos jovens as chaves para a compreensão e o domínio do mundo contemporâneo.

Propor a educação a partir de inserções de outras mídias que não as tradicionais utilizadas na escola requer maleabilidade nos pontos de vista. Isso implica não só propor uma análise crítica sobre seus conteúdos, mas igualmente utilizar parte da mesma como fonte de aprendizado. O aprendizado que ultrapassa o ambiente escolar transforma emoções em reflexões e o prazer em uma oportunidade a mais para desenvolver a análise crítica.

Assim, a utilização de recursos – tais como filmes, revista, jornais, músicas, desenhos, fotografias, mapas, símbolos, slogans, propagandas, logotipos e outras possibilidades difundidas pela indústria cultural - não pode ser considerado apenas mera estratégia que permite aulas mais prazerosas. Usar essas fontes somente com esse objetivo é inadequado e pode até mesmo frustrar alguns professores em caso de insucesso, já que é preciso ter metas bem definidas.



O uso de outras mídias deve promover a comunicação a partir de questões problematizadoras que permitam a ampliação do interesse dos alunos em pesquisas a serem desenvolvidas posteriormente.

Estudos nessa interface demonstram que os processos comunicativos na escola apresentam quatro características retardadoras ou muito prejudiciais ao ensino de habilidades e competências, são elas: **simplificação excessiva da comunicação, relações lineares, mecanicistas e autoritárias, ausência de elementos culturais e a não predominância da diversidade e da complexidade.**

A escolha do Programa **VEJA NA SALA DE AULA – GUIA DO PROFESSOR** representou um direcionamento de pesquisa para descobertas do ponto de vista dos processos psicossociais nas mídias. Trata-se de uma parceria entre a Editora Abril e a Fundação Vitor Civita que pretende levar os fatos do Brasil e do Mundo para dentro da sala de aula. Seu objetivo, segundo seus criadores, é “contribuir para a formação de cidadãos capazes de acompanhar as mudanças de seu tempo, conhecer e interpretar os problemas do mundo em que vivem e ajudar a fazer a história do país. O maior mérito de Veja na Sala de Aula é ir ao encontro das transformações preconizadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio.”

Para que tal objetivo se concretize, as escolas assinam o programa e recebem 14 exemplares da revista VEJA e 10 GUIAS DO PROFESSOR, e também passam a ter acesso a um site exclusivo para professor, com uma aula on-line extra, toda semana, um banco de dados atualizado semanalmente por disciplina, notícias e atividades criadas especialmente para os assinantes.

Num primeiro momento, e aqui se define o recorte do estudo, direcionou-se a análise apenas para o suplemento GUIA DO PROFESSOR que é um veículo de comunicação dirigida produzido por educadores brasileiros que avaliam textos da revista Veja e o transformam em atividades de aula sintonizadas com as novas correntes pedagógicas em todas as disciplinas propostas pela grade curricular do Ensino Médio. O guia apresenta, ainda, exercícios, temas para debates, textos de apoio e experiências, além de sugestões de bibliografia, filmografia e sites.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa empírica foi descobrir, através da intenção comunicativa do GUIA DO PROFESSOR, como se dá a interação na transmissão da(s) mensagem(ns) identificando o quanto elas proporcionam possibilidades de rompimento do modelo tradicional de aprendizagem, inserindo



elementos da cultura, diminuindo a linearidade e o caráter mecanicista e, conseqüentemente, tornando a comunicação mais complexa.

Daí o interesse deste trabalho em estabelecer uma reflexão sobre comunicação e, conseqüentemente, uma reflexão sobre sua adequação a partir da utilização de uma mídia. É este ponto que motivou, neste estudo, a realização de uma análise na ação comunicativa do guia por meio de diferentes linguagens, identificando se essas promovem a interação e o diálogo entre os agentes sociais que se comunicam e se inter-relacionam.

Pretendeu-se, portanto, preencher uma lacuna existente que se configurava como a necessidade de professores e alunos em estabelecer vias de entendimento que propiciem um intercâmbio de interesses e favoreça, conseqüentemente, o aprendizado. Apresentadas essas questões como problema, chegou-se a seguinte formulação:

Como se dá a ação comunicativa do veículo de comunicação *Veja na Sala de Aula – Guia do Professor* (emissor) enquanto produtor de linguagens para o professor (receptor) e o quanto essa ferramenta configura um novo modelo de comunicação na sala de aula?

Com base nas respostas à questão, pretendeu-se:

- Identificar e analisar a ação comunicativa da mídia dirigida *VEJA NA SALA DE AULA – GUIA DO PROFESSOR* considerando-se este último como produtor de linguagens e relacionar o quanto essas linguagens cumprem o papel de promover melhorias na competência comunicativa.
- Descrever os modos de relação entre o *Guia do Professor* e os aspectos sócio-culturais do Brasil e do mundo.

Partindo das hipóteses que:

- A ação comunicativa do veículo de comunicação promove um aumento na capacidade de construção de competências no professor e, conseqüentemente, no aluno.
- A linguagem utilizada pelo veículo tem a preocupação de inserir elementos sócio-culturais no ambiente escolar.



- A estruturação das linguagens está diretamente relacionada com a melhoria do ato comunicativo na sala de aula.

2 A Estrutura Analítica da Pesquisa

Diante de tal problemática optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo onde o método aplicado foi a análise de conteúdo. A análise de conteúdo, segundo as proposições de Bardin (2002), referência importante nesse trabalho, trata-se do desvendamento de significações de diferentes tipos de discursos, baseando-se na inferência ou dedução, mas que, simultaneamente, respeita critérios específicos propiciadores de dados em frequência, em estruturas temáticas, entre outros. Dessa forma, a metodologia escolhida contribuiu muito para um panorama do uso da mídia na escola através do objeto escolhido, nesse caso o GUIA DO PROFESSOR.

Entendendo-se o Guia como direcionador do processo comunicativo em sala de aula, consideraram-se aqui as estratégias utilizadas para atingir seus objetivos. Isso porque tão importante quanto à inserção do Guia na sala de aula era verificar de que forma ele relaciona a mídia impressa como recurso de aprendizagem, e ainda, se seus conteúdos estavam coerentes com os demais signos existentes no processo.

Como já assinalado anteriormente, a maior dificuldade que os professores têm para ministrar aulas dinâmicas, criativas e interessantes é criar atividades que motivem os jovens. Essa falta de sugestões para atividades práticas na sala de aula constitui uma lacuna crucial nas publicações dirigidas aos profissionais da educação e, ao contribuir para solucionar esse problema, o Guia do Professor é considerado pelos seus criadores o maior diferencial do programa VEJA NA SALA DE AULA.

Ao utilizar fatos da atualidade, ele ajuda concretamente os professores a criar atividades didáticas que auxiliam o processo de aprendizagem motivando os alunos a compreender os conteúdos de cada disciplina. Sendo isso uma importante justificativa para escolha desse objeto.



Nesse contexto a análise foi realizada a partir de uma matriz analítica, conforme mostra o Quadro 1, que procurou relacionar a intenção e ação do Guia do Professor às características facilitadoras do processo comunicativo em sala de aula. Tal escolha foi feita seguindo a proposta de Bardin (2002), o qual subdivide os principais pilares da pesquisa em: a fase da descrição ou preparação do material, a inferência ou dedução e a interpretação. Dessa forma, os pontos da pré-análise são a leitura flutuante (primeiras leituras de contato os textos), a escolha dos documentos (no caso os guias selecionados), a formulação das hipóteses e objetivos (relacionados com a teoria utilizada), a referenciação dos dados para o desenvolvimento da matriz analítica e a preparação do material.

Do material a ser analisado foram selecionadas as edições veiculadas de julho de 2006 a dezembro de 2006, totalizando 24 edições. Para o tratamento dos dados a técnica da análise temática ou categorial foi, de acordo com Bardin (2002), baseada em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrindo os diferentes núcleos de sentido que constituíam a pesquisa, e posteriormente, realizando o seu reagrupamento em classes ou categorias como descritos nas tabelas abaixo:

Aspectos da Análise	
i. Intenções	<i>1. Intenções do Guia</i>
ii. Ação	<i>2. Ação Comunicativa</i>

Quadro 1: A estrutura analítica: uma ferramenta para analisar as interações e a produção de significados

Cada aspecto da análise é introduzido brevemente nas seções seguintes para uma visão mais detalhada.

2.1 Intenções do Guia



Seguindo os princípios da teoria apresentada, considera-se que o ensino produz um tipo de performance no plano social da sala de aula. Essa performance é direcionada pelo professor que planejou o seu “roteiro” e tem a iniciativa de “apresentar” as várias atividades propostas em cada aula. O trabalho de desenvolver o conteúdo é central nessa performance e o Guia torna-se uma ferramenta no planejamento da aula.

Como ferramenta de comunicação, portanto, mediação entre o professor e os alunos, foram identificadas e classificadas algumas intenções comunicativas relevantes no ambiente de sala de aula que são apresentadas no quadro a seguir:



Intenções	Foco
Criar um problema	Engajar os estudantes, intelectual e emocionalmente, no desenvolvimento inicial dos conteúdos.
Explorar a visão dos estudantes	Explicitar e explorar as visões e entendimentos dos estudantes sobre idéias e fenômenos específicos.
Introduzir e desenvolver o conteúdo	Disponibilizar as idéias científicas (incluindo temas conceituais, epistemológicos, tecnológicos, culturais e ambientais) no plano social da sala de aula.
Guiar os estudantes no trabalho com o conteúdo e dar suporte ao processo de internalização	Dar oportunidades aos estudantes de falar e pensar com as novas idéias, em pequenos grupos e por meio de atividades com toda a classe. Ao mesmo tempo, dar suporte aos estudantes para produzir significados individuais, internalizando essas idéias.
Guiar os estudantes na aplicação dos conteúdos e na expansão de seu uso, transferindo progressivamente para eles o controle e responsabilidade do aprendizado	Dar suporte aos estudantes para aplicar as idéias ensinadas a uma variedade de contextos e transferir a eles o controle e responsabilidade pelo uso dessas idéias.
Manter a narrativa e reconstruir os saberes, sustentando o desenvolvimento dos conteúdos	Prover comentários sobre o desenrolar dos conteúdos, de modo a ajudar os estudantes a seguir seu desenvolvimento e a entender suas relações com o mundo que os cerca, dando a possibilidade de reorganização da informação de acordo com o seu repertório de informações.

Quadro 2: Intenções Comunicativas no Ambiente de Sala de Aula



2.2 Ação Comunicativa

O conceito de ação comunicativa é central na estrutura analítica, fornecendo a perspectiva sobre *como* o guia trabalha as intenções e o conteúdo do ensino por meio das diferentes intervenções pedagógicas verbais e não verbais que resultam em diferentes padrões de interação.

Quando um professor interage com os estudantes numa sala de aula, a natureza das intervenções pode ser caracterizada em termos de dois extremos. No primeiro deles, o professor considera o que o estudante tem a dizer do ponto de vista do próprio estudante; mais de uma ‘voz’ é considerada e há uma inter-relação de idéias. Este primeiro tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa *dialógica*. No segundo extremo, o professor considera o que o estudante tem a dizer apenas do ponto de vista do discurso científico escolar que está sendo construído. Este segundo tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa *de autoridade*, na qual apenas uma ‘voz’ é ouvida e não há inter-relação de idéias.

Na prática, qualquer interação provavelmente contém aspectos de ambas as funções, dialógica e de autoridade. Essa distinção entre funções dialógicas e de autoridade foi discutida por Wertsch (1991) e usada por Mortimer (1998) para analisar o discurso de uma sala de aula brasileira. Ela tem por base a distinção entre discurso de autoridade e discurso internamente persuasivo, introduzida por Bakhtin (1981) e a noção de dualismo funcional de textos num sistema cultural, discutida por Lotman (1988) (apud Wertsch, 1991, p. 73-74).

Uma característica importante da distinção entre as abordagens dialógicas e de autoridade, à comunicação em sala de aula, é que uma seqüência discursiva pode ser identificada como dialógica ou de autoridade independentemente de ter sido enunciada por um único indivíduo ou interativamente. O que torna o discurso funcionalmente dialógico é o fato de que ele expressa mais de um ponto de vista - mais de uma ‘voz’ é ouvida e considerada - e não que ele seja produzido por um grupo de pessoas ou por um indivíduo solitário.

São relacionadas ainda a essa perspectiva outros elementos tais como: não simplificação da comunicação, inserção de elementos culturais e predominância da diferença e da complexidade. Tais parâmetros são apresentados no quadro que segue:



Ação Comunicativa	
Não simplificadora da comunicação	Simplificadora da Comunicação
Dialógica	Autoritária
Com inserção de elementos culturais	Sem inserção de elementos culturais
Com presença de desvios	Sem presença de desvios

Quadro 3: Quatro classes de ações comunicativas

Na fase seguinte, exploração do material, teve-se o período mais duradouro: a etapa da codificação, na qual são feitos recortes em unidades de contexto e de registro. Já a última fase, do tratamento e inferência à interpretação, permitiu que os conteúdos recolhidos se constituíssem em dados qualitativos e/ou análises reflexivas.

3. Principais Resultados

Todo interesse da pesquisa visava estabelecer uma reflexão sobre comunicação e, conseqüentemente, sobre sua adequação a partir da utilização da mídia na escola. Esse foi o ponto motivador, analisar na ação comunicativa do guia por meio de diferentes linguagens, o potencial de promover a interação e o diálogo entre os agentes sociais que se comunicam e se inter-relacionam.

Assim, procurou-se colocar no mesmo nível elementos como cultura, interface entre comunicação e aprendizagem, habilidades e competências. A cultura foi tratada como um grande sistema com múltiplas relações e a escola como um subsistema da cultura. O Guia do Professor, como se pôde perceber, comprovou a necessidade de modificação nas ações pedagógicas tradicionais e revelou a importância de inserir elementos externos ao ambiente escolar na perspectiva de uma nova forma de aprendizagem.



Essa aprendizagem está diretamente relacionada à ação comunicativa do professor, que nesse caso pode fazer uso de recursos como o Guia para conduzir mais adequadamente suas aulas, proporcionando e criando espaços com temperaturas mais quentes, favorecendo intervenções e modificações no mundo e fazendo da escola um ambiente de construção e reconstrução de conhecimento.

Ficou evidente que mesmo considerando a mediação do Guia do Professor uma proposta inovadora com intenções e ações comunicativas satisfatórias, é uma proposta de complexa execução, porque não está isolada no ambiente escolar. Como foi dito, nesse ambiente há uma multiplicidade de signos envolvidos que interagem no processo de aprendizagem e certamente o influenciam e por ele são influenciados. Somente a medida que esses signos se harmonizam, a comunicação e a aprendizagem tendem a apresentar um direcionamento positivo com quebra de resistências e maior clareza nos objetivos a atingir.

Sendo assim a simples produção de um guia não garante uma comunicação mais rica, pelo contrário, se usado pelos professores sem reflexão e questionamento (como modelo estático) pode exercer efeito contrário e ao invés de melhorar a aprendizagem, ampliar as quatro características já citadas no trabalho como retardadoras do processo. Ou seja, independente do formato impresso estabelecido pelo guia ou do conteúdo da revista que será inserido o importante é que os professores e alunos tenham poder de reflexão a partir dos conteúdos e enriqueçam o processo comunicativo e conseqüentemente o aprendizado.

Como recurso de aprendizagem percebeu-se que o Guia representa uma alternativa para aulas mais dinâmicas, criativas e interessantes, preenchendo uma lacuna crucial nos processos de aquisição de conhecimentos, e pode ser considerado o grande diferencial da maioria dos projetos que tem como objetivo a inserção de outras mídias na escola. Ao utilizar fatos da atualidade, ele ajuda concretamente os professores a criar atividades didáticas que auxiliam o processo de aprendizagem motivando os alunos a compreender os conteúdos de cada disciplina, desde como já dito anteriormente, não seja o único direcionador e também não seja questionado e criticado em sala de aula.

Outro ponto relevante na estrutura do Guia é a sua aplicabilidade prática que, mesmo dependente diretamente do professor que vai traduzi-lo e aplicá-lo, tem um caráter progressista real, pois foge das comunicações normativas e estáticas



(inserção de diagramas, tabelas, figuras, relação com filmes, links de internet, etc.). Isso tende a facilitar a ação comunicativa proposta pelo professor, que na maioria das vezes se resumia em transmissor do conteúdo do livro ou da apostila, para um agente transformador (não que ele dependa disso para fazê-lo).

Nas intenções comunicativas o objeto de estudo prioriza a harmonização entre as necessidades dos alunos e os valores sociais a partir de conceitos como: participação, responsabilidade, criatividade, resolução de problemas e comunicação dialógica estando inserido em uma perspectiva de escola moderna.

O guia ainda prioriza um tipo de discurso que tende a considerar todas as influências recebidas, a interna e a externa, em ações integradas proporcionando um maior desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para o aprendizado.

No entanto, não se pode afirmar, até pelo número ainda pequeno de escolas que utilizam o programa, e também pelos inúmeros agentes que participam do processo, que a iniciativa do Projeto Veja na Sala de Aula seja a solução para questões tão complexas como as apresentadas nessa pesquisa. Porém deve-se admitir que iniciativas como essa, criadas e produzidas dentro de um cenário mais adequado à aprendizagem tendem a abrir caminho para a mudança nas práticas pedagógicas tradicionais e podem ser, nesse sentido, muito importantes para uma reestruturação do modelo escolar vigente.

Não se pode, evidentemente, imaginar que a discussão se esgote nos fatores trazidos à reflexão e nas conexões descobertas entre eles. As questões se amplificam e geram novas indagações que devem ser redirecionadas. O que se pode, neste ponto, lançar como idéia é um possível modelo de ação comunicativa na escola a partir da inserção da mídia impressa e outras linguagens que nos colocam em contato com a informação e tentem nos dar elementos para que sejamos capazes de superar os estágios elementares de leitura superficial da informação para enfim transformar esses dados em conhecimento, abrindo caminho para a mudança nas práticas pedagógicas tradicionais e reestruturando o modelo escolar vigente.

Outra contribuição importante desse estudo é propor um modelo de analítico para o uso das diferentes mídias na escola que sirva de parâmetro para educadores e comunicadores refletirem sobre como se dá a interação na transmissão da(s) mensagem(ns) identificando o quanto elas proporcionam possibilidades de



rompimento do modelo tradicional de aprendizagem, inserindo elementos da cultura, diminuindo a linearidade e o caráter mecanicista e, conseqüentemente, tornando a comunicação mais complexa e o aprendizado mais prazeroso e efetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS Regina. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.
- BAKHTIN, M.: **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação**: A linguagem em movimento. São Paulo: SENAC, 2000.
- HUERGO, Jorge A. **Comunicación/Educación. Ambitos, prácticas y perspectivas**. La Plata: Educaciones de Periodismo e Comunicación, 1997.
- LOTMAN, Y.M. **Text within a text**. Soviet Psychology 26(3), p. 32-51.1988
- MORTIMER, E. F. **Sobre chamus e cristais: a linguagem cotidiana, a linguagem científica e o Ensino de Ciências**. In: CHASSOT, A. ; OLIVEIRA, R.J. Ciência, ética e cultura na educação. São Leopoldo: UNISINOS, 1998. p. 99-118.
- RIBEIRO, Regiane. **A Utilização De Processos Midiáticos na Escola: Um Olhar Redimensionador na Interface Comunicação-Educação**. 2007. 196f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica – PUC-SP, São Paulo. 2007.
- WERTSCH, J. V. **Voices of the mind: A sociocultural approach to mediated action**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1991